

A DIVERSIDADE SEXUAL NOS SERVIÇOS DE SAÚDE: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Antonio Rodrigues S. Filho¹.

SOBRINHO FILHO, A. R.

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

naldo_cz@hotmail.com

RESUMO

O termo diversidade sexual é empregado para designar as várias formas de expressão da sexualidade humana. Assunto que desperta interesse das mais diversas áreas de pesquisa, mas que apesar do avanço científico, tecnológico e social dos últimos anos, continua sendo um tema carregado de mitos e falta de conhecimento. É questão que vem acompanhada de contradições e tabus, fazendo com que aqueles que não se encaixam nos seus papéis sociais previamente estabelecidos sofram de preconceito e repressão. A abordagem desses aspectos na prestação da atenção à saúde coletiva e individual é um diferencial, na medida em que resgata dimensões sociais e subjetivas da vida humana. Tal estudo trata-se de uma revisão sistemática da literatura acerca da diversidade sexual. Para identificação dos trabalhos realizou-se uma busca on-line na base de dados da Scientific Electronic Library Online. Foram identificados noventa estudos. Após análise, dez artigos se adequavam aos critérios de inclusão e fizeram parte da amostra. Estes trazem quase sempre referências históricas sobre a formação cultural de gênero e o debate sobre a sexualidade. Outro traço comumente abordado é a divisão do trabalho. Quando da relação entre profissionais e usuários dos serviços de saúde, os artigos encontrados revelam falta de interação. Observa-se que existem poucos artigos publicados sobre o tema. A grande parte traz considerações sobre a necessidade de abordar a sexualidade para além dos aspectos biológicos, porém a maioria deles apresentam mais ideias do que propostas concretas para que tais mudanças aconteçam.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade sexual, Serviços de saúde, Políticas públicas.

¹ Antonio Rodrigues S. Filho Pedagogo com ênfase em Educação Social e Diabetes, Formado Pela Universidade Federal de Campina Grande –UFCG, Campus Cajazeiras-PB.

INTRODUÇÃO

O termo diversidade sexual é empregado para designar as várias formas de expressão da sexualidade humana. Tema que vem despertando o interesse das mais diversas áreas de pesquisa. De acordo com Costa e Coelho (2011), o assunto ganha grande visibilidade a partir dos estudos de Freud, através da psicologia e da psicanálise, e com Foucault, nas ciências humanas; enquanto na saúde, o tema vem sendo abordado principalmente por sexólogos, marcado apenas, ou principalmente, pelo aspecto biológico.

Construídos socialmente de acordo com os costumes e com a cultura de uma determinada época, homens e mulheres crescem sob determinados padrões de sexualidade e gênero preestabelecidos pela sociedade. Aqueles que fogem ao modelo adotado podem sofrer preconceitos e repressão. Assim como a luta feminina, a campanha a favor dos direitos da comunidade LGBT vem ganhando espaço e atenção na sociedade e nos serviços de saúde.

Entretanto, apesar do avanço científico, tecnológico e social dos últimos anos, percebe-se que a evolução não acontece uniformemente, sendo a diversidade sexual um tema carregado de mitos e falta de conhecimento para muitos. É assunto que vem acompanhado de contradições e tabus. Como corrobora Mandú (2004), sexualidade é um tema ainda muito reprimido pela nossa sociedade e a repressão, desde a infância, acarreta sucessivos problemas que provocam desajustes no nosso desenvolvimento e comportamento sexual. Assim, a abordagem desses aspectos na prestação da atenção à saúde coletiva e individual é um diferencial, na medida em que resgata dimensões sociais e subjetivas da vida humana.

Desse modo, a ação do profissional de saúde na consulta à saúde sexual deve contemplar, o mais amplamente possível, aspectos biológicos, sociais, subjetivos e de comunicação pertinentes às experiências sexuais, à auto percepção corporal, às trocas afetivas e relacionais humanas significativas, lidando com vulnerabilidades, potenciais e necessidades (GIR; NOGUEIRA; PELÁ, 2000).

Tendo em vista as dificuldades encontradas em falar sobre sexualidade em rodas de conversa com a comunidade de pessoas Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais em casa e nos ambientes de saúde, como as Unidades Básicas de Saúde da Família (PSF) e Estratégias de Saúde da Família (ESF) no município de Cajazeiras, interior paraibano, essa revisão sistemática justifica-se pela necessidade de reconhecer o que vem sendo estudado e publicado na tentativa

de desconstruir estereótipos, de trazer visibilidade a essa comunidade e garantir acesso aos direitos propostos na constituição de 1988 e nos avanços e conquistas no tocante a legislações estaduais e municipais, fruto de luta, luta essa vivenciada até os dias de hoje. Nesse caso mais especificamente, o acesso e permanência aos serviços de saúde, numa dimensão não apenas biológica, mas social também dando suporte as necessidades dessa população.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão sistemática da literatura acerca da diversidade sexual e como esta estaria inserida na prestação de cuidados à saúde em UBS e ESF. Esta modalidade de pesquisa viabiliza a análise de pesquisas científicas de modo sistemático e amplo, favorecendo a caracterização e divulgação do conhecimento produzido em artigos científicos. Para a construção desta revisão foi trilhado o percurso metodológico subdividido em quatro fases.

A primeira fase refere-se à formulação da questão da pesquisa, no caso, quais as temáticas abordadas em publicações disseminadas em periódicos na área da Saúde, no período de 2000 a 2013, referentes à diversidade sexual. Diante deste questionamento, partiu-se para a segunda fase: a seleção dos estudos.

Para identificação destes realizou-se uma busca on-line na base de dados da Scientific Electronic Library Online (SciELO) e outros sites que disponibilizasse em sua base de dados artigos relacionados a temática diversidade em espaços de saúde. Para a localização dos artigos foram utilizados os seguintes descritores: diversidade sexual, sexualidade e saúde.

Para a seleção das publicações inseridas neste artigo foram formulados os seguintes critérios de inclusão: terem sido publicadas na modalidade artigo científico (original ou revisão) com resumos disponíveis na base de dados selecionada; publicadas no período compreendido entre 2000 e 2013; disponíveis na íntegra com idioma em português; apresentarem contextualização acerca da temática diversidade sexual.

¹ Antonio Rodrigues S. Filho Pedagogo com ênfase em Educação Social e Diabetes, Formado Pela Universidade Federal de Campina Grande –UFCG, Campus Cajazeiras-PB.

Foram identificados no total 90 estudos na base de dados da pesquisa. Após uma análise minuciosa buscando compreender por meio do resumo os que enquadravam-se e poderiam ser usados para aporte teórico deste artigo, apenas 10 artigos se adequavam aos critérios de inclusão e fizeram parte da literatura da amostra.

Foi então elaborado um instrumento de coleta de dados, preenchido para cada artigo da amostra final, contendo as seguintes variáveis: título dos artigos, autores, ano de publicação, base de dados, nome do periódico, modalidade da pesquisa, objetivos e principais resultados. Os dados evidenciados na análise foram discutidos à luz da literatura e apresentados de forma descritiva, a fim de possibilitar a aplicabilidade desta revisão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO ACERCA DA PESQUISA

Os resultados obtidos são visualizados na Tabela 1, na qual são identificados autores, títulos dos artigos e ano de publicação dos mesmos de acordo com a base de dados do Scielo.

Tabela 1. Relação dos artigos identificados na pesquisa.

	AUTOR/A	TÍTULO	ANO
01	GIR, E.; NOGUEIRA, M.S.; PELÁ, N.T.R.	Sexualidade humana na formação do enfermeiro	2000
02	Edir Nei Teixeira Mandú	Consulta de enfermagem na promoção da saúde	2004
03	Tatiana Lionço	Atenção integral à saúde e diversidade sexual no Processo Transexualizador do SUS: avanços, impasses, desafios.	2013
04	ARAUJO, Dagma Cristina de; OLIVEIRA, Elaine Ferreira.		2011

¹ Antonio Rodrigues S. Filho Pedagogo com ênfase em Educação Social e Diabetes, Formado Pela Universidade Federal de Campina Grande –UFCG, Campus Cajazeiras-PB.

		A concepção dos homossexuais e bissexuais sobre o atendimento em unidades de saúde em uma cidade do estado de Goiás.	
05	Guilherme Gomes Ferreira; Beatriz Gershenson Aginsky	Movimentos sociais de sexualidade e gênero: análise do acesso às políticas públicas	
06	Lucia Helena Rodrigues	Sexualidade: revisão integrativa de artigos publicados na Revista Latino-Americana de Enfermagem e na Revista Brasileira de Enfermagem	2011
07	Costa; Edméia Coelho de Almeida Coelho.	Homens adolescentes e vida sexual heterogeneidades nas motivações que cercam a iniciação sexual	2007
08	Ana Luiza Vilela Borges; Néia Schor.	Trabalho, gênero e diversidade sexual: Múltiplas contribuições por uma abordagem plural	2011
09	Maria Ester de Freitas e Marcelo Dantas	Discursos sobre sexualidade em um Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA): diálogos possíveis entre profissionais e usuários	2012

¹ Antonio Rodrigues S. Filho Pedagogo com ênfase em Educação Social e Diabetes, Formado Pela Universidade Federal de Campina Grande –UFCG, Campus Cajazeiras-PB.

10	José Luis Felício Carvalho	Atenção integral à saúde e diversidade sexual no Processo Transexualizador do SUS: avanços, impasses, desafios.	2014
----	----------------------------	---	------

Os artigos pesquisados trazem quase sempre referências históricas sobre a formação cultural de gênero e o debate sobre a sexualidade. Os artigos concordam que os movimentos ditos “desviantes” (COSTA E COELHO, 2011) por não seguirem as normas sociais, como o feminista e LGBT, foram marcos que permitiram uma maior abertura nessa discussão. Para Ferreira e Aginsky (2013), os movimentos sociais são uma forma de enfrentamento das contradições sociais que se expressam em reações coletivas a algo que se apresenta como bloqueio ou afronta ao interesse e às necessidades coletivas de determinado grupo social.

Outro assunto abordado nos artigos foi a divisão do trabalho entre as classes de diversidade sexual. Freitas e Dantas (2012) discute a dificuldade histórica das mulheres no mercado de trabalho, e debate sobre a inclusão e “reconfiguração da sociedade”, mesmo que lenta, que faz com que homens assumam cargos outrora tratados como femininos e as mulheres assumam cargos ditos masculinos. Além disso, o artigo traz uma discussão sobre a determinação profissional socialmente imposta para gays, apontando profissões nas quais eles podem atuar; ponto abordado também no artigo de Carvalho (2011), que mostra o mesmo ponto de vista. Ainda segundo Freitas e Dantas (2012), essa imposição de profissões limita a capacidade intelectual do indivíduo, sendo assim, o estigma social acaba por limitar a capacidade técnica e intelectual do indivíduo homossexual apenas por sua condição, excluindo-o de núcleos profissionais outros que o contratariam caso não fosse homossexual.

Quando se fala da relação entre profissionais e usuários dos serviços de saúde, os artigos encontrados revelam uma falta de interação apontada por Monteiro et al (2014) como falha na formação acadêmica, resultante do modelo biologicista que ainda é a realidade nos cursos de saúde pelo país. Além disso, Costa e Coelho (2011) trazem que as relações de poder aumentam

¹ Antonio Rodrigues S. Filho Pedagogo com ênfase em Educação Social e Diabetes, Formado Pela Universidade Federal de Campina Grande –UFCG, Campus Cajazeiras-PB.

o distanciamento entre os personagens dessa relação. Essas relações de poder estariam marcadas por duas perspectivas que se contrapõem: a perspectiva racionalizadora e científica, representada pela medicina, e a dimensão interpessoal, que não dispensa uma lógica científica, mas que se baseia em relação solidária afetiva, representada pela Enfermagem. Nesses termos, fica claro que a aproximação entre enfermeiro e paciente é facilitada a partir do momento que o profissional se permite usar sua subjetividade na hora do atendimento.

Os trabalhos ainda abordam as conquistas que os movimentos sociais conseguiram com sua luta. Ferreira e Aginsky (2013) apontam, entre elas, a retirada da homossexualidade do Cadastro Internacional de Doenças (CID), o direito à união homoafetiva estável, a cirurgia de transgenitalização pelo SUS, a criação da Frente Parlamentar Mista pela Livre Expressão Sexual, na câmara dos deputados, composta de 60 deputados/as e 8 senadores/as e o Programa Brasil Sem Homofobia, do Ministério da Justiça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diversidade é uma de nossas maiores riquezas. Foi ela que possibilitou à espécie experimentar-se de infinitas formas pela longa e difícil jornada da evolução. A diversidade biológico-cultural, ao contrário das teorias que defendem pureza racial e coisas do tipo, é que pode nos oferecer mais e melhores possibilidades de aperfeiçoamento. Se obedecêssemos todos, automaticamente, a um só modo de ser e compreender a vida, nossos horizontes evolutivos seriam bem mais limitados.

A maioria das sociedades atuais, porém, rejeita a natureza diversa da sexualidade de nossa espécie. Aliás, elas não só rejeitam como estabelecem um padrão de normalidade e punem quem não obedece a ele. Foi assim, tentando padronizar artificialmente o que por natureza é amplo e diverso, que essas sociedades construíram uma triste história de intolerância, preconceito e violência, não apenas contra quem não se enquadra no padrão, mas contra a própria espécie humana.

¹ Antonio Rodrigues S. Filho Pedagogo com ênfase em Educação Social e Diabetes, Formado Pela Universidade Federal de Campina Grande –UFCG, Campus Cajazeiras-PB.

Através dessa revisão, observamos que existem poucos artigos publicados sobre o tema diversidade sexual, onde a grande parte dos trabalhos, em maior ou menor grau, traz considerações sobre a necessidade de abordar a sexualidade para além dos aspectos biológicos, tanto nas escolas quanto nas instituições de saúde. Porém a maioria deles apresentam mais ideias do que propostas concretas para que tais mudanças aconteçam.

¹ Antonio Rodrigues S. Filho Pedagogo com ênfase em Educação Social e Diabetes, Formado Pela Universidade Federal de Campina Grande –UFCG, Campus Cajazeiras-PB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, José Luis Felicio. Trabalho, gênero e diversidade sexual: múltiplas contribuições por uma abordagem plural. **Organ. Soc.**, Salvador, v. 18, n. 59, p. 747-751, Dez. 2011.

COSTA, Lucia Helena Rodrigues; COELHO, Edméia Coelho de Almeida. Enfermagem e sexualidade: revisão integrativa de artigos publicados na Revista Latino-Americana de Enfermagem e na Revista Brasileira de Enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 3, p. 631-639, Junho 2011.

FERREIRA, G. G.; AGUINSKY, B. G. Movimentos sociais de sexualidade e gênero: análise do acesso às políticas públicas. **R. Katál.**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 223-232, jul./dez. 2013.

FREITAS, M.; DANTAS, M. (Org.). **Diversidade sexual e trabalho**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

GIR, E.; NOGUEIRA, M.S.; PELÁ, N.T.R. Sexualidade humana na formação do enfermeiro. **Rev.latino-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 33-40, Abril 2000.

MANDU, Edir Nei Teixeira. Consulta de enfermagem na promoção da saúde sexual. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 57, n. 6, p. 729-732, Dez. 2004.

MONTEIRO, Simone Souza et al. Discursos sobre sexualidade em um Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA): diálogos possíveis entre profissionais e usuários. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 137-146, Jan. 2014.

¹ Antonio Rodrigues S. Filho Pedagogo com ênfase em Educação Social e Diabetes, Formado Pela Universidade Federal de Campina Grande –UFCG, Campus Cajazeiras-PB.